

O ESAZIAMENTO DA EXPERIÊNCIA DOCENTE: RELATOS ORAIS DE PROFESSORES PROVOCADOS COM BASE NA EXIBIÇÃO DO FILME SOCIEDADE DOS POETAS MORTOS

*Elen Döppenschmitt**

Resumo: Segundo Hannah Arendt, acredita-se que todo aquele que está envolvido em qualquer processo educativo deveria pensar-se também como responsável pelo mundo. A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo? (ARENDR, 1979. p. 239). Com base nessa reflexão, esta pesquisa concentra-se em entender a visão dos professores sobre sua "autoridade", ou seja, em que medida o trabalho do professor não apenas se restringe à competência técnica de um saber específico que deve ser transmitido, mas no seu compromisso para com o educando que se insere na sociedade mais ampla, na qual ambos compartilharão experiências apesar do descompasso entre as respectivas gerações. Por meio de uma metodologia que buscou na relação entre o cinema e a educação um caminho, levantaram-se algumas questões com respeito à experiência docente em escolas públicas. Da exibição de filmes sobre o tema escolar a um grupo de professores de uma EMEF de São Paulo, pôde-se perceber como se viam representados pelos meios de comunicação e na sociedade mais ampla; logo após o debate, foram realizadas entrevistas individuais, sendo possível demonstrar, na maioria dos casos, que a perda da autoridade do professor é fruto da dúvida do próprio legado da tradição escolar.

Palavras-chave: Educação. Cinema. Professores. Relatos orais.

Abstract: According to Hannah Arendt, it is believed that anyone who is involved in any educational process should think himself also as "responsible" for the world. "The teachers' qualification consists on submitting the world to their knowledge and be able to educate others about this, but their authority is based on what they assume it is their responsibility for this world" (ARENDR, 1979, p. 239). From that reflection, this research focuses on understanding teachers'

* Graduada em Ciências Sociais pela USP, Mestre e Doutoranda em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/ bolsista do CNPq. Pesquisadora na área de Cinema e Oralidade e colaboradora nos projetos sobre imigrantes desenvolvidos pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos desde 1996.

vision on their “authority”, or to what extent teachers’ work not only is limited to technical competence of a specific knowledge which should be transmitted, but also to their commitment to the learner who is inserted in the wider society, where both share experiences despite the imbalance between their respective between cinema and education. Some issues were raised with respect to experience teaching in public schools. The showing of films on the topic to a group of school teachers from a EMEF of Sao Paulo allowed to understand how they saw themselves represented by media and wider society; after the debate, individual interviews were conducted, and it could be demonstrated, in most cases, that the loss of teacher’s authority is consequence of the doubt about the proper legacy of tradition school.

Keywords: Education. Cinema. Teachers. Oral Reports.

Este artigo trata sobre o uso da imagem fílmica como recurso metodológico para a construção do conhecimento sobre o imaginário escolar, ao mesmo tempo em que é estratégia para a obtenção de relatos orais de profissionais da educação, visando contribuir, entre outras coisas, para a pesquisa sobre representações da profissão de professor e os impasses deste diante da crise na educação.¹

No final da década de oitenta, um filme marcava não apenas toda uma geração de estudantes, mas também de professores. *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), filme de Peter Weir, o mesmo diretor que anos mais tarde criticou a sociedade do espetáculo com *The Truman Show* (1998), tinha como alvo a conservadora sociedade escolar com professores anacrônicos, cujos métodos não levavam em conta as aspirações individuais dos alunos que, muito mais interessados em “aproveitar cada minuto de seu dia” (cujo lema, CARPE DIEM, se tornou a marca do filme), não encontravam sentido na instituição que os preparava para entrar na universidade.

O filme retrata o universo burguês de uma escola inglesa de 1959 e não parece muito distante da realidade das escolas brasileiras, ainda que sejam públicas, dos anos oitenta ou dos dias atuais e, talvez por isso, a pertinência de mencionar essa obra e o motivo pelo qual foi escolhida como ponto de partida para o desenvolvimento desta reflexão.

Ao que parece, como instituição, a escola trabalha com uma imaginação estática das formas já estabelecidas e acabadas que, ao invés de transformar, confirmam a realidade. Vê-se, assim, que a instituição em si carrega o peso de ter de reproduzir um modelo de sociedade, adequá-la ao meio existente e não usá-la como espaço de indagação e crítica. Nesse sentido, segundo Marilena Chauí (1980), a escola seria “violenta” porque, além de cultivar “a crença na não-violência do saber constituído (...), aplica sistema-

¹ A crise na educação será totalmente compreendida na perspectiva de Hanna Arendt na obra “Entre o Passado e o Futuro”.

ticamente, sob o nome de pedagogia, técnicas disciplinares de adaptação ao mundo tal como está.” (apud GUIMARÃES, 1998, p.108).

Mas, em todas as sociedades, de todos os tempos, há sempre a expectativa de que um grupo ou até mesmo um indivíduo possa questionar a educação tradicional e assim transformar os modelos e as formas de ensino vigentes nas instituições. Ainda que estrônico, no filme mencionado, o professor Keating (Robin Williams), incitando seus alunos a rasgarem as páginas de um livro de teoria literária no intento de ensiná-los a viver plenamente por meio da arte, **subverte** e **renova** a forma de ensinar, pois, ao mesmo tempo em que critica os métodos tradicionais de ensino, propõe o retorno de antigos textos, chamando a atenção para certos autores que pareciam antiquados ou pouco atraentes para os alunos: as poesias de Walt Whitman, Henry David Thoreau, Byron e William Shakespeare.

Passaram-se quase vinte anos e o filme ainda parece ser interessante para se pensar em alguns pontos relacionados à questão do papel do professor no contexto da crise escolar: Como se constrói sua identidade na dialética função em que tem de ser o portador e ao mesmo tempo o crítico da tradição? O professor tem repertório suficiente para propor mudanças? Seria possível construir uma tradição?

Ao pesquisar os professores e profissionais da educação de ensino fundamental de uma escola pública da zona oeste de São Paulo, durante o ano de 2007,² pediu-se a eles que assistissem a três filmes sobre o universo escolar³ a fim de que eles pudessem refletir acerca de sua profissão, uma vez que, dentro da proposta metodológica, eles seriam ao mesmo tempo “atores” e “personagens” do processo mais amplo de “crise”. De acordo com Langer (2004), a imagem visual se constitui por narrativas que tanto o receptor quanto o emissor interpretam como representações fiéis da realidade, mas que são estruturadas pela cultura. Assim, esperava-se do professor que ele pudesse estabelecer críticas e comparações a respeito das representações sobre os professores que apareciam nos filmes, bem como construir suas próprias representações.

Com base nessas sessões de filmes e seus debates, foram, então, colhidos depoimentos que serviram para complementar os debates sobre as

² Esta pesquisa foi fruto de trabalho de estágio para o cumprimento da disciplina Psicanálise, Educação e Cultura na Licenciatura em Ciências Sociais e supervisionado pelo prof. Dr. Rinaldo Voltolini, do Departamento de Educação da USP.

³ Os professores selecionados para esta pesquisa assistiram a três filmes: Sociedade dos Poetas Mortos, de Peter Weir, Histórias Proibidas, de Todd Solondz, e Pro Dia Nascer Feliz, de João Jardim, embora para as análises pertinentes a este artigo somente será feita referência aos resultados obtidos com base nas discussões com os professores sobre o primeiro deles.

representações acerca do profissional docente. Entende-se que os filmes trabalhados com os professores cumpriram um papel fundamental na construção de suas próprias narrativas sobre a trajetória profissional de cada um, suas expectativas e frustrações quanto ao papel e função que desempenham.

A escolha pela pesquisa com professores deve-se a que eles poderiam responder a uma questão de interesse pessoal: ser professor é uma **escolha** ou um **destino**? Como a aposta é pela primeira alternativa, intrigava saber, a partir deles, por que no momento em que ensinar se torna um problema, se recorre a outros profissionais (como, por exemplo, aos psicólogos) para serem os “facilitadores” da comunicação entre professor e aluno? Por que, em muitas ocasiões, o ato de ensinar parece ser o que menos faz o professor? Será um problema de autoridade? Perderam-se as referências?

O fato de já haver sido professora e colega de trabalho de alguns dos entrevistados pareceu facilitar a entrada de “volta” à escola. Contudo, por já não ser mais um dos “seus”, mas um “outro”, fez sentido certo rechaço; talvez porque a visita propusesse indagar sobre si mesmos, sobre seu papel profissional. Uma característica bastante marcante, desde o princípio, revelou-se como “desconfiança” seguida de “medo” ou simplesmente “ignorância” daquilo que poderia vir a desconstruir um suposto “saber” que não se quer questionar. Tais comportamentos refletiam duas atitudes imediatas: a) necessidade de encontrar e apontar um culpado para os problemas da autoridade, que geralmente recaíam sobre o próprio aluno ou em sua família; b) necessidade imediata de demandar uma tarefa, ou seja, pedir uma solução a partir da instituição (escola), de outras instituições (sendo a mais comum o governo) ou ainda de outra área do saber (especialmente da Psicologia e da Medicina). Geralmente o que mais se quer é que “outros” se encarreguem da tarefa de lidar diretamente com os alunos.

Não era intenção que esta pesquisa refletisse o professor como culpado pela crise na educação, mas, sim, o questionamento de alguns pontos que se acredita contribuam para que se demande dele (de nós mesmos) uma tarefa, ou seja, uma atitude frente à crise mais ampla.

A atividade com filmes parece já ter sido muito utilizada como metodologia de pesquisa no âmbito escolar, sobretudo por conta da mediação provocada entre o pesquisador e o pesquisado, e o filme, por fazer parte do universo cultural mais geral, desperta interesse e receptividade. Esse fato tem provocado uma intensa reflexão e investigação acerca de seu uso social, especialmente, quando empregado como um texto, mediante o qual são veiculados valores, atitudes, comportamentos e saberes, que produzem efeitos sobre a consciência e a conduta dos indivíduos em suas diferentes fases: infância, adolescência, juventude e maturidade (cf. CIAVATTA; ALVES, 2004). Portanto, o uso das imagens permite o acesso à narração

de uma época ou de um processo, mas, quando essas imagens são postas em relação a outras representações, cria-se a necessidade de se repensarem as idéias que se privilegiam e que se ajuda a circular acerca do *mundo em que se vive*. Assim, ao ler uma imagem, deve-se estar atentos para perceber tudo o que se configura em torno dela, desde aquilo que desperta como expressão e ponto de vista de quem a gera, mas também as múltiplas leituras que promove nos receptores que convoca.

Após as discussões geradas com base nos filmes, foram entrevistados dois professores e a coordenadora pedagógica. É importante mencionar que os professores escolhidos para entrevista foram aqueles que pareciam ser os mais “críticos”, conseqüência de melhor grau de formação acadêmica (ambos tinham mestrado), acreditando que estes pudessem dispor de mais subsídios para se poder analisar seu discurso sob o prisma da autonomia da profissão de professor em contraponto com o próprio discurso da instituição escolar e daquele presente nos filmes.

Considerando algumas premissas com respeito à crise da educação, tais como a crise de autoridade pensada com base na questão da “vocação do educador para amar o mundo”, desenvolvida por Hannah Arendt (1979), acredita-se que todo aquele que está envolvido em qualquer processo educativo deveria se pensar também como “responsável” pelo mundo. Assim, a autora comenta: “A qualificação do professor consiste em conhecer o mundo e ser capaz de instruir os outros acerca deste, porém sua autoridade se assenta na responsabilidade que ele assume por este mundo” (p.239).

É nesse sentido que a responsabilidade pelo mundo é entendida no âmbito da educação como “autoridade”, ou seja, pode-se dizer que o trabalho do professor não apenas se restringe à competência técnica de um saber específico que deve ser transmitido ao educando, mas no seu compromisso em relação ao educando que se insere na sociedade mais ampla e na qual ambos compartilharão experiências apesar do descompasso entre as respectivas gerações. Assim, segundo a autora, cabe ao professor lutar para não perder sua autoridade, não abdicar dela, pois isso significaria recusar a assumir a responsabilidade pelo mundo ou, em outras palavras, desistir de esperar que o mundo continue, pois, se não se entrega nada da tradição aos educandos, nada também se pode esperar deles. Não se trata de ser favorável à escola como um agente da manutenção da ordem estabelecida. Ao contrário, a autora acredita que o aluno deve ser apresentado ao mundo e estimulado a mudá-lo.

A crítica feita à educação moderna por ter posto em prática “o absurdo tratamento das crianças como uma minoria oprimida carente de libertação” enfatiza que Arendt defende a idéia de que aos adultos cabe conduzir

as crianças. Assim, nasce a defesa da autoridade, uma vez que a escola deverá trazer instrução, isto é, conhecimentos que o aluno não tem. Esse processo não é apenas de aprendizado, mas de preservação do mundo, entendido como a cultura em sua totalidade.

É certo que, ao ouvir os professores, seja em entrevistas específicas ou, com base em seus comentários em reuniões grupais, observa-se que, na maioria dos casos, em maior ou menor grau, existe uma certa disposição para um caráter humanista, comprometido e até mesmo engajado. O professor geralmente orgulha-se de ter uma profissão que pode transformar a realidade, resta saber como o faz para que isso realmente aconteça. T.M., professora de escola pública há quatorze anos, relata como foi que ingressou na atividade docente:

Eu fui ser professora porque eu achava que poderia mudar a sociedade e porque eu achava que era um trabalho muito mais significativo [antes era bancária]... Eu fui estudar História por causa dessa idéia de estar vinculada a uma transformação social, sabe?... uma idéia um pouco difusa, confusa na verdade. Quando eu fui fazer licenciatura eu já tinha claro que uma das possibilidades que eu tinha de trabalho, de ter um salário, de sair do banco, era dar aulas. O que foi importante era o interesse político que eu tinha, minha experiência sindical de quando trabalhava no banco. Um interesse pela militância política... Eu já tinha uma idéia de que não queria trabalhar em escola particular... eu sempre tive uma coisa de que eu queria trabalhar ensinando filho de trabalhador.

Essa mesma professora avalia seus quatorze anos como docente na escola pública e como é difícil perceber mudanças, seja de parte do comportamento dos alunos ou mesmo do corpo docente, apesar de notar que “diferenças” existem. Isto parece importante, pois nem sempre a percepção das diferenças constrói necessariamente a alteridade. O depoimento dessa professora pareceu extremamente significativo para se pensar como o professor pode (re)construir sua autoridade no seio escolar, seja diferenciando-se dos próprios alunos, seja de outros professores de outra geração:

Mesmo com as reformas do ciclo e o fim da repetência... não mudou a indisciplina do aluno. O fato de antes se ter uma ameaça de não poder estudar, não era o que fazia os alunos estudarem... Em relação a esse ambiente de professor eu acho que também não mudou. É um ambiente extremamente heterogêneo, tem professores de todos os tipos, todas as visões de mundo, com todos os tipos de comprometimento... há variedades de comprometimento... mas sempre, em todas as escolas que eu trabalhei, eu encontrei pessoas que tinham afinidade com aquilo que eu penso, sempre uma minoria... professores com uma idéia de respeitar os alunos no sentido de ... não sei dizer muito bem, mas de respeitar o seu jeito de ser, o seu modo de vida... Por exemplo, como um professor pode dizer a um grupo de alunos de nossa escola que odeia o Mano Brown se o biotipo, o jeito de vestir e de ser dos alunos é o mesmo que o dele? (...) Eu acho que antes o professor era, de um modo geral, de uma classe média, mais ou menos intelectualizada, isso sim é uma profissão que mudou porque hoje são pessoas

que saíram de um universo de escolarização baixo, mas no Fundamental II, o professorado é classe média sim... mesmo tendo que ter dois empregos, que faça dupla-jornada. Infelizmente não é uma classe intelectualizada. Embora eles tenham um universo cultural muito próximo ao do aluno, eles têm muito preconceito porque a única coisa que os diferencia é o dinheiro.

A visão de que o universo sócio-cultural do professor de escola pública de hoje e dos alunos seja similar é algo preocupante, uma vez que aquela esperada diferença que poderia produzir alteridade entre professor e aluno já não existe mais. Nesse sentido, parece que se torna cada vez mais difícil oferecer aos alunos elementos de certa tradição (literária, cinematográfica, teatral, musical, entre outros) se o próprio professor não teve acesso a esses bens como parte de sua formação ou, no pior dos casos, teve, mas os ignora na tentativa de se equiparar ao universo do aluno, entendendo com isso estar mais próximo dele.

Segundo alguns princípios da Psicanálise, o educador ao mesmo tempo que apresenta essa “disponibilidade para o outro”, não pode sonegar-se, ou seja, abandonar o seu mundo, a sua história, aquilo que foi sua tradição em nome de uma entrega cega, em que o mundo do jovem é somente aquilo que lhe diz respeito, cabendo ao professor “omitir-se” ou “limitar-se” apenas àquilo que faça sentido para o jovem, esvaziando dessa forma toda sua experiência. É o repertório cultural do professor o principal fator de conquista de novas formas de se colocar diante do aluno, por meio da renovação de métodos pedagógicos e de crítica à própria instituição educativa.

Investigar de que maneira as questões mais amplas da “cultura” (visão política, hábitos de consumo cultural, atividades de lazer, e de “cultivo”) vivenciadas pelo professor são refletidas em seu trabalho pedagógico ajudou a perceber, ainda que preliminarmente, de que maneira o professor conjuga sua experiência como cidadão no mundo e sua prática docente, buscando entender como o educador se vê nesse processo de responsabilidade não apenas com o aluno, mas com o jovem que será herdeiro de um mundo também construído por esse professor. Foi possível perceber por meio dos depoimentos muitos dos problemas relacionados com as práticas culturais dos professores e sua incorporação em seu fazer diário dentro da escola, fato esse que contribui enormemente para a crise de autoridade e que mereceria um estudo mais aprofundado que pudesse investigar com mais cuidado as relações entre essas práticas, suas possibilidades e impasses. A título de exemplo, apenas serão mencionados alguns aspectos que parecem relevantes. Segundo uma das professoras entrevistadas:

O que é a Cultura no nosso país? Num país de 180 milhões, somente 10 milhões consomem bens culturais. Uma grande parte dos professores poderia consumir, já que o limite não é o dinheiro e o professor do qual estamos falando é de classe média. Mas há um limite cultural. Como você amplia o universo cultural dos

alunos se você não amplia o do professor? Não sei... Eu acho... e você pode falar que é preconceito, mas os alunos que estão sendo formados em História e em Pedagogia na U... não estão tendo seu universo cultural ampliado (...) Você também tem que investir no ensino superior.

Aqui se observa uma crítica explícita à própria formação docente, incluindo aí o problema das novas universidades privadas que não estariam cumprindo corretamente com o dever de formar professores reflexivos, interessados nas ofertas culturais disponíveis na cidade, entre outros aspectos. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que desde a formação dos professores não é dada a eles a base para a construção de sua autoridade. Não obstante, essa mesma professora ressalta outro aspecto importante nesse processo, que se refere à “acusação” imputada ao professor de “não saber fazer”, geralmente reforçada pela mídia e pelas instituições de ensino superior que, segundo ela, se julgam no direito de acusá-los:

No final das contas, a educação tá caótica desse jeito e quem é o culpado? Eu acho que a mídia passa um pouco dessa idéia sim de que o culpado é o professor. Sucesso de escola pública não dá mídia. Só mostra violência, aluno que bateu no professor. É só professor que não sabe escrever... professor que tem formação ruim. O professor tem resistência sim em discutir porque ele pensa assim: ‘vem esse cara da USP que dá aula uma vez por semana e ganha cinco vezes mais do que eu falar o que tenho que fazer’. Será que a universidade também faz questão de se aproximar desse professor?

Vale ressaltar ainda uma autocrítica semi-reveladora. Segundo a coordenadora pedagógica, entrevistada separadamente, o sentimento de culpa do professor é muito frequente, isso porque:

Você se sente culpado por causa desse privilégio... Essa diferença acaba prejudicando muito. Você se sente culpado de ir para uma sala de aula, de ter tudo aquilo (possibilidade de viajar, de ter acesso a bens culturais, de ter bens materiais) e de não poder compartilhar com seus alunos..Acho que é um pouco de vergonha da realidade... um pouco por culpa. Será que eu posso ter esse tipo de posição e eles não podem?

Mas eles deveriam ter uma outra postura... você estudar e ser professor, te possibilita tudo isso...você viajar, ir para fora....Não significa que você vai arrumar emprego, porque hoje em dia é outra coisa, mas garante você ter uma bagagem cultural, você conseguir bolsas de estudo para poder ir para fora, poder ir atrás dos seus direitos...

Mais uma vez a necessidade de se equiparar aos alunos, de destruir todas as diferenças constitui um problema também de auto-estima do professor, pois este se vê reduzido a ter de parecer “menos” do que realmente é diante dos alunos. Se, no passado, os hábitos mais refinados ou cultos de um professor eram tidos como características a serem imitadas e valorizadas, hoje o professor luta para se parecer cada vez mais com seu “público”,

evitando qualquer tipo de alteridade que provoque mais agressividade por parte dos alunos, como se isso também não revelasse, em alguns casos, seu próprio desinteresse pelos bens culturais, má formação e, até mesmo em alguns casos, preconceito, características próprias da classe média.

Nesse sentido, parece oportuno recuperar algumas colocações de Lebrun (2004) quando discute a perda de referência na sociedade. O autor percebe que o que acontece na organização social é um esmaecer da dissimetria dos lugares e um constante apagar das “diferenças”. Assim ele comenta:

(...) Apagar a diferença dos lugares, a dos sexos e a das gerações, só tem como efeito embrulhar as referências simbólicas, no entanto indispensáveis a nossa vida social; e, com o risco de passar por reacionário, vai ser preciso reassumir o lugar da enunciação e não ceder ao fascínio de um mundo regulado exclusivamente por enunciados. (LEBRUN, 2004. p.128)

Mas, segundo ele, é preciso que haja dissimetria para haver conflito e, portanto, produção de alteridade e assim formação de sujeitos. É o lugar central dado à ciência que promove uma sociedade em que tudo se equivale e, à medida que novos balizamentos não forem validados, estar-se-á ameaçado de se ver sem referências. No caso específico da educação e do professor, esse é um tema que merece ser aprofundado, especialmente em se tratando das escolas públicas, pois parece ficar ambíguo para aquele professor o lugar que ocupa e, portanto, a perda de referência da tradição contribui para que não se dê o devido valor regulador à diferença do lugar que ocupa e assim, como comenta o autor, “cada um tenta construir uma escala de valores a partir de suas próprias referências.” (LEBRUN, 2004, p.151).

No caso do filme mencionado anteriormente e que foi exibido para os professores num dos primeiros encontros, é possível dizer que suscitou diferentes opiniões acerca da imagem de autoridade do professor. Por meio de discussão, buscou-se que eles dessem suas opiniões livremente a respeito do que viam representado na mídia a respeito de si mesmos, de seu papel.

Em primeiro lugar, percebeu-se um total desconhecimento de como tratar a questão da autoridade com exemplos cotidianos, da mídia etc., que demonstrassem sua capacidade reflexiva quanto ao tema. Para um grupo, autoridade se confundia com autoritarismo e, para outro, autoridade é algo “natural” e “individual” que se deve ter, mas em nenhum caso mencionaram que poderia ser construída coletiva e historicamente.

Notou-se certa dificuldade, por parte deles, em demonstrar como “essa” autoridade de professor aparece no cotidiano da sala de aula, preferindo em muitos casos dizer que não a têm como pressuposto. Segundo a maioria, uma vez que os alunos não os tratam como professores, eles acreditam que essa autoridade não existe e que o que lhes resta é se valerem de

mecanismos “autoritários” para lograrem a atenção dos mesmos e seu reconhecimento.

No caso específico do professor mostrado em *Sociedade dos poetas mortos*, a princípio pareceu causar identificação até porque se tratava de um filme *hollywoodiano*,⁴ com um ator conhecido, carismático e de tom melodramático. É importante mencionar que esse tipo de filme bastante comum, convencional, cheio de “clichês” e soluções óbvias, raramente avança por uma via radical, ainda que pareça o contrário. Isso porque tem de permanecer dentro de limites suportados pelo público. Por ser um filme de padrão americano, apresenta, para efeitos desta pesquisa, uma vantagem: é de circuito comercial e, por isso, representa melhor o “imaginário social”. Segundo os presentes, eles não se atreveriam a ser tão radicais quanto o professor do filme, a ponto de se colocar diante dos alunos como alguém que contesta o saber instituído. Mesmo esse filme tendo mostrado um professor que se valia da “autoridade” também para ser crítico, no sentido de Hannah Arendt (1979), os professores pesquisados acharam problemática a atitude de provocar situações que incitem os alunos a se rebelar contra o *status quo*. Segundo eles, tal atitude é perniciosa aos alunos de ensino fundamental (todos eram professores de fundamental II) porque estes não têm maturidade para entender certas “regras”.

Os professores não foram capazes de mencionar como os aspectos positivos da tradição aparecem no filme, nem mesmo conseguiram demonstrar com base em suas vivências a pertinência de se insistir em certas temáticas, muitas vezes “fora de moda”, e de resgatar certos assuntos considerados por eles mesmos importantes, porém que não provocam interesse nos alunos. A sensação mais comum encontrada nas discussões do grupo é de apatia, de que não vale a pena insistir no repertório do professor se ele não provoca no aluno um prazer. Segundo o depoimento de D.P.:

O importante não é ser professor por dez anos, vinte anos. O duro é você dar aula do mesmo jeito há dez anos. O aluno não é o mesmo de dez, de cinco anos... então tem que ter alguma coisa diferente, na sua fala... O professor é o grande formador, o informador, mas se você parar no tempo da tua formação... se você não interceptar, você fica falando sozinho...

Segundo a coordenadora pedagógica, na maioria dos casos, os professores são “conservadores” e, nesse sentido, sempre recai sobre os aspectos metodológicos todo o problema da não comunicação entre professor e aluno. Se a metodologia não é a mais adequada, isso provoca a indisciplina do aluno que não permite que o “saber” possa ser construído nas aulas. Em nenhum momento, o próprio saber do professor é questionado, nem por eles,

⁴ Por filme *hollywoodiano* entendam-se os filmes norte-americanos produzidos de maneira industrial e que geralmente correspondem a gêneros específicos (drama, romance, terror etc.) de fácil consumo e fruição.

nem pela coordenadora pedagógica. Em nenhum momento a própria formação do professor e a maneira como ele se reconhece como professor, atribuindo à sua própria atividade características específicas do aprender e do investigar, aparecem como elementos importantes na manutenção da tradição ou em sua crítica.

Dado o pouco tempo da pesquisa e o universo restrito de apenas uma escola, é possível levantar algumas questões - mais do que conclusões - que poderão servir para se entender por que o professor não parece se sentir cumprindo com seu papel profissional de maneira adequada.

Em linhas gerais, parece que há certo esvaziamento da experiência docente, quer dizer, já não se sabe mais o quê e por que têm de ensinar, uma vez que tanto seu potencial como profissional pesquisador, crítico e transformador, como sua capacidade de repensar sua própria função no seio escolar, deram lugar à apatia e a um burocrata anacrônico que reproduz o mesmo modelo de ensino que teve, não ousando modificá-lo por temor de se sentir ainda mais distante das novas gerações.

Esse sentimento de distanciamento, muitas vezes entendido como negativo, é o que deve ser posto em cheque, uma vez que parece ser necessário que os professores pensem sobre a crise de autoridade, recuperando da tradição elementos daquilo que os tornaria referência para as novas gerações, não enquanto seus pares, mas por constituírem a diferença.

A idéia com a qual se trabalha em todo o artigo refere-se especificamente à preocupação com a perda da “tradição”, definida como “o fio que guia com segurança através dos vastos domínios do passado” e que levou a filósofa Hanna Arendt (1979) a escrever sobre educação. Para ela, a educação é o ponto em que se decide se amam o mundo o bastante para se assumir a responsabilidade por ele, ou seja, se se amam as crianças o bastante para não expulsá-las desse mundo e abandoná-las a seus próprios recursos. Com isso, o que se quis ressaltar foi a idéia de que, sem uma tradição, ou seja, um algo a ser seguido, não se pode construir o futuro, pois este não se fará completamente com o novo, sem bases sólidas. Assim, segundo a autora, a função da escola é ensinar às crianças como o mundo é e não instruí-las na arte de viver. Sua argumentação em favor da autoridade na sala de aula demonstra uma visão educativa assumidamente conservadora, o que não quer dizer que ela defenda um professor autoritário.

De modo geral, pode-se dizer que ainda que não tenha sido objetivo deste artigo a análise do filme *Sociedade dos Poetas Mortos* enquanto linguagem cinematográfica, foi possível construir algumas alternativas para seu uso e significado dentro do universo escolar. Também não foi preocupação desta pesquisa tratá-lo como objeto de ensino, mas, com base na com-

preensão do universo a que este se remete, com seus personagens e problemáticas, foi possível explorá-lo como mediação entre pesquisador e professores, estes, sim, objetos da pesquisa. É nesse sentido que, concordando com Moraes (2004), apostou-se em trabalhar com filmes que tratassem sobre a escola e tendo o professor como protagonista. Isso porque tais filmes possibilitam de certo modo recolher informações sobre as “representações sociais” sobre a escola ou sobre como o imaginário social representa a escola e a atividade docente. Considerando ser esse um filme “comercial”, pode-se concluir que há uma solidariedade entre os elementos que o compõem – categorias, conceitos, valores, expectativas, comportamentos – e os que compõem o imaginário social, no caso dos próprios professores.

Sociedade dos Poetas Mortos é considerado um paradigma para se pensar o professor em luta contra padrões tradicionais de educação, apesar de apresentar elementos discutíveis quanto à figura do Prof. Keating e suas concepções. Segundo Moraes (2004), ele não aceita outras formas de interpretação da poesia que não seja a sua, é, portanto, doutrinador. Mas, de alguma maneira, o filme sempre é apresentado com o intuito de combater a chamada escola tradicional. É justamente esse o ponto sobre o qual recai a relevância do filme no contexto desta pesquisa, uma vez que se pode concluir que o próprio cinema ajuda os professores a traçar as representações que têm acerca de sua profissão.

Após conviver com esses professores durante um ano e ouvi-los mais atentamente nesta investigação, foi possível perceber em seus relatos que a relação entre a crise da educação e a crise da autoridade, conforme comenta Arendt (1979), a partir do esgotamento da visão de mundo da modernidade e de seu projeto de racionalidade pode ser evidenciada pelo reconhecimento da perda da relação com o mundo mítico e imaginativo. Em todos os depoimentos aparece como problema o distanciamento criado entre eles e os alunos. As novas gerações, as quais são sensibilizadas por um mundo absolutamente pautado no imagético (quer no campo cultural quer no social), não são atendidas pela escola, que continua com a transmissão de valores pautados nessa racionalidade com excesso de formalismo e reducionismo do conhecimento dito “científico”, sendo esta a maneira entendida como correta para se interpretar o mundo.

Percebe-se que os professores muitas vezes permanecem alheios a essas mudanças ou ainda apáticos quanto a sua prática docente, ligada às atividades de experimentação e de investigação. Seu potencial criativo e sua capacidade investigativa – características próprias da profissão – são silenciadas, tendo como desculpa o desinteresse e a indisciplina dos alunos. De acordo com o depoimento da coordenadora pedagógica da escola em questão:

Há um problema de má formação de professores... nem é de professores, mas de educadores mesmo, eles têm que se abrir mais para o mundo... O professor não quer dar uma aula diferente... Ler uma poesia, uma crônica... Tem tanta coisa que chega aqui e que nem é vista, aquela coleção “Para gostar de ler”, por exemplo... porque você quer dar de cara Monteiro Lobato, Machado de Assis não dá... você tem que ganhar na leitura...sensibilizar. Eu sinto que nas reuniões pedagógicas, os professores estão muito preocupados com as questões indisciplinares e por isso não discutem questões pedagógicas relacionadas ao ensinar...

A coordenadora ainda comenta que, apesar de “sua” escola ser privilegiada quanto ao corpo docente, sendo a grande maioria “um pessoal avançado”, há um pouco de conservadorismo. Segundo ela, “não é numa primeira conversa que você vai ousar”. O professor apresenta resistência para abandonar o livro didático, porque é resistente às mudanças, à renovação dos mesmos repertórios. Ainda comenta:

Não precisa todo dia, mas uma rotina de leitura... você tem que descobrir o que ele [o aluno] gosta, tem que mudar o repertório. Porque se ficar naquela coisa massacrante não vai dar... porque a geração de hoje tem muito mais coisas... aí isso gera indisciplina. Não é que o professor não seja bom, mas é a maneira como faz.

Como se sabe, na era atual de celulares, vídeo-games, computadores, de multiplicidade de imagens em tempo real, é possível suspeitar que, segundo Morin (2002), um novo mundo emerge na incerteza e o primado da razão vai cedendo lugar a uma explosão da “imagem”. Assim, pode-se falar que o imaginário e o simbólico vão tomando novamente um lugar de destaque na cena social. O professor dá-se conta disso, mas muitas vezes sente-se ameaçado por não poder competir com os meios de comunicação ou com as novas linguagens e isso gera uma sensação de inferioridade que contribui enormemente para a perda de sua autoridade, pois começa a duvidar do próprio legado da tradição.

De acordo com Wunenburger e Araújo (2006), não apenas a instituição, mas a própria profissão docente também está em crise, de acordo com o papel do imaginário educacional na construção da identidade dos educadores. Essa crise pode ter vários motivos, mas os autores chamam a atenção especialmente para a falta de uma grande narrativa e a ausência de um mito que dê credibilidade e sentido à ação educativa.

Assim, parece ser necessária uma “re-mitologização” da educação, de construção de uma rede simbólica que sustente a identidade dos educadores e atribua sentido às suas ações: o real vivido e não a mera abstração do que é o real. Segundo os autores, uma pedagogia do imaginário educacional poderia contribuir para pensar uma pedagogia que integre a dimensão cognitiva e a simbólica, razão e sensibilidade, o racional e o simbólico. A

escola seria, assim, um dos espaços para que a literatura, as artes em geral e o cinema, em particular, germinassem possibilidades para que alunos e professores se transformassem em “sujeitos imaginantes”, produtores e não apenas reprodutores de sentidos. Nesse sentido, pode-se concordar com Favaretto (2004) quando diz que o cinema traz novas contribuições à crítica moderna da representação, das práticas e dos saberes e que, por isso, ele pode ser muito mais que mediação pedagógica, mas um dispositivo de problematização da cultura, o que certamente alarga as conclusões preliminares encontradas neste artigo.

Siglas:

DDS: abreviação do nome da escola pesquisada

U: nome de universidade privada mencionada em entrevista pela professora

T.M e D.P: iniciais dos nomes de professores entrevistados

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CIAVATTA, M.; ALVES, N. (Orgs.). *A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2004.
- FAVARETTO, C. Prefácio. In: SETTON, M. G. (Org.) *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 9-13.
- GUIMARÃES, Á. O cinema e a escola: formas imagéticas da violência. *Caderno CEDES*, Campinas, v.19, n.47, dez. 1998.
- LANGER, J. Metodologia para análises de estereótipos em filmes históricos. *Revista História Hoje*. São Paulo, n.5, nov. 2004.
- LEBRUN, J. P. *Um mundo sem limite. Ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.
- MORAES, A. C. *A escola vista pelo cinema: uma proposta de pesquisa*. In: SETTON, M. G. (Org.) *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 53-65.
- MORIN, E. *O método 4. As idéias, habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- WUNENBURGER, J. J.; ARAÚJO, A. F. *Introdução a uma filosofia do imaginário educacional*. São Paulo: Cortez, 2006.(colecção Questões de Nossa Época; v.127).